

## Morfologia do verbo românico ( 9 )

### Referências Bibliográficas

BASSETTO, B. F. *Elementos de Filologia Românica*. São Paulo: Edusp, 2001.

ELIA, S. *Preparação à Lingüística Românica*. R.J.: Ao Livro Técnico, 1979.

MAURER, JR, T. H. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

CÂMARA JR, J. M. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

LAUSBERG, H. *Lingüística Românica. Morfología*. Madri: Gredos, 1982.

Discorrer sobre a morfologia do verbo românico implica em vincular a sua origem às variedades clássica e vulgar do latim. O verbo românico herdou do latim um sistema variado de flexão. Se o latim vulgar operou mudanças no sistema do latim clássico, com as línguas românicas não foi diferente. Na conjugação românica assistiremos a uma simplificação de formas. As perdas que se verificam em voz, tempos e modos devem-se, em primeiro lugar, às alterações que estes sofreram nas suas funções. Formas que se tornaram inoperantes, ou desapareceram, ou foram substituídas por novas, cuja necessidade de clareza tornou-se premente para os falantes. Para ilustrar, exemplifiquemos com o desenvolvimento das formas perifrásticas a partir do latim vulgar. Inicialmente analíticas, depois sintéticas, temos as formas *habeo com infinitivo* ou *volo com infinitivo*, esta última usada no romeno. Na categoria do futuro românico, vejam-se em *louvar-hei* em port. e gal., *loar-é* em cast., *je lour-ai* em fr.; *lauzar-ai* em prov; *loder-ò* em italiano e em romeno *voi lauda*.

Ainda que as línguas românicas apresentem formas verbais divergentes entre si, pode-se afirmar, que há uma certa uniformidade. Visto que o assunto é muito extenso, serão abordados a origem das conjugações românicas e as suas correlações com o latim, a voz, o *infectum* e o *perfectum*, e alguns tempos verbais.

Quatro conjugações compunham o sistema do latim clássico. A primeira term. em *-are, cantare*, a segunda com tema em *-ēre, videre*, a terceira em *-ēre, legēre* e a quarta, em *-ire, dormire*. Esse sistema conserva-se-á no italiano, francês, provençal, romeno, italiano, engadino, sobresselvano. Algumas línguas românicas, entretanto, inovaram e remodelaram essa estrutura. É o caso do português, galego, castelhano, sardo e macedo romeno. Tal redução deve-se à confluência, em tempos proto-históricos, entre os verbos da segunda conjugação ( em *-ēre* ) e da terceira ( em *-ēre* ). Em português, em galego e em castelhano, os verbos da terceira foram absorvidos, em sua maior parte, pelo modelo paradigmático da segunda conjugação, vejam-se em *vendēre* > *vender, currēre* > *correr*, em port., cast. e gal. Alguns verbos da terceira conjugação foram também atraídos para a quarta, como por exemplo, *petēre* > *pedir* nas citadas línguas assim como *ungēre* > *ungir*, port. e cast. e *unxir*, em galego. Compare-se do lat. *vivēre*, port. *viver*, mas gal. e cast. *vivir*. No sardo produziu-se o fenômeno inverso, ou seja, o triunfo da terceira conjugação sobre a segunda. Como dito anteriormente, em algumas línguas subsiste a distinção entre essas duas categorias, comparem-se do latim

perdere que resultou em fr. *perdre* ( a 3 conj. tbém chamada de conjugação consonantal); it. *pérdere*; do lat. *debēre*, em francês *devoir* e em it. *dovére*.

Na língua vulgar, os verbos em *-are* constituíam a categoria mais profícua da conjugação e atraíram para si alguns verbos pertencentes a outras classes como \* *pinsare* (pisar), em lugar de *pinsēre*, é pan românico. ( ver outros exemplos Maurer, 135 e Piel p.215). Também os verbos germânicos em *-an* e *-on* são tratados como verbos em *-ar*, *wardan* > guardar em port ( ver nas outras línguas românicas); *raubon* que resultou em roubar em port. e gal.; cast. e cat. *robar*; porv. *raubar*; it. *raubare*. Será essa conjugação a mais profícua nas línguas românicas, de um modo geral, é nesta conjugação que ingressam os verbos que a língua cria em independentemente do latim, veja-se, por exemplo, em português *escanear*. Os verbos em *-ire* é depois de *-ar* a mais produtiva. Atraíu os verbos com tema em *-e*, como do lat. *florēre*, lat. vulgar \* *florire* que resultaram em rom. *înflorí*, it. *fiorire*, engad. e sobres. *flurir*, fr. *fleurir*, prov., cat. gal. e port. *florir*. Acresça-se ainda, uma inovação do latim vulgar, os verbos incoativos em *-escere*, proveniente do sufixo *-esco*, conjugados em algumas pessoas como *-ire*, em algumas línguas românicas, nas regiões denominadas inovadoras. É o caso do italiano, romeno, no fr., no prov. ( ex. Maurer, p. 133).( Elia 219). As línguas da Ibéria, por exemplo, são mais conservadoras nesse aspecto, pois preservaram a conjugação com tema em *-e*, vejam-se em italiano, tema em *-i*, *fiorisco* ( 1p.sing.) e *fioriamo* ( 1ppl) e port., tema em *-e*, *floresço* e *florescemos*. ( Maurer, 133, ex.).

A voz passiva em língua clássica possuía flexão própria ( sintética) para os tempos do *perfectum*, veja-se do lat. *amor* ‘sou amado’. Os tempos do *infectum*, entretanto, eram formados por perífrases do participio passado com o auxiliar *sum*, veja-se do lat. *amatus sum* ‘sou amado’. Foi esse paradigma o herdado pelas línguas românicas, que empregam, em grande parte, a perífrase como passiva do presente, com o auxiliar *sum*, encontramos ainda os auxiliares *venio* e *fio*, sobreviventes no reto-românico e em alguns falares da Itália.

Havia no verbo latino um recurso para exprimir entre um evento concluso, indicador de uma ação no seu desenvolvimento, inacabada, denominado *infectum*; e um indicador de uma ação concluída, realizada, denominado *perfectum*. Este último possuía uma marca formal, por exemplo um *-u* no radical do verbo, um *-s*, ou um redobro ( sufixo), vejam-se *colit* ( *infectum*) e *coluit*( *perfectum*), *scribit* ( *infectum*) *scripsit* ( *perfectum*), *currit* ( *infectum*) *cucurrit* ( *perfectum*). Na língua vulgar, o sistema se conserva, porém o *perfectum* incorpora a noção de tempo pretérito. As línguas românicas desenvolveram uma perífrase para exprimir a noção do *perfectum* com o verbo *habeo* + *participio*, vejam-se em port. *hei escrito*, cast. *he escrito*, fr. *j'ai écrit*; it. *ho scritto*. Ainda assim, essas perífrases incorporaram a noção de tempo pretérito. Dessa forma, o pretérito herdou a noção de aspecto concluso.

Os tempos verbais sofreram remodelações. Para ilustrar, serão analisados o futuro e o pretérito imperfeito.

O futuro do indicativo *amabo* desapareceu, e citando Câmara Jr ( 128), não é usual por parte de qualquer língua o uso coloquial de um futuro, “em termos temporais estritos”. O futuro está associado à dúvida, ao desejo e funciona na categoria de modo. Já no latim vulgar, o que predominava era o uso do presente como futuro. A partir do presente se vislumbraria uma ação de futuro. O uso do presente com valor de futuro pervive em alguns dialetos românicos, por exemplo no calabrês e em alguns dialetos da Itália meridional, comparem-se em *mannu* e *mandu* “mandarei”. A perífrase formada no latim vulgar pelo verbo *habeo* + *infinitivo* é uma inovação e supriu a antiga forma do futuro. O romeno vale-se de *volo* + *infinitivo*. O auxiliar vinha anteposto ou posposto ao infinitivo, a fixação após o infinitivo se regularizou nas línguas românicas *cantare* +

*habeo*, que depois se sintetizou *cantarei em port. e gal., cantaré em cast., cantarai em prov., chanterai em fr., cantero em ital* e em romeno *vóiu cîntá*.

Se o futuro é fruto de uma inovação, podemos apontar o pretérito imperfeito como um exemplo de conservação do paradigma do latim clássico nas línguas românicas. Vejamos em lat, por exemplo, 1 conj em *-are*, respectivamente, rad., vt., mt, np, *cant-a-ba-m, cant-a-b-a-s, cant-a-ba-t, cant-a-ba-mus, cant-a-ba-tis, cant-a-ba-nt*. Em port. temos *cant-a-va, -a-va-s, -a-va, -á-va-mos, -á-ve-is, -a-vam*. A primeira conjugação conservou-se fiel à conjugação latina respectiva. Na evolução das flexões, as desinências de modo-tempo, houve houve a lenização da oclusiva bilabial [b] para a fricativa labiodental surda [v]. O gal. e o cast. operou a seguinte transformação [b] > [β], *canta[β]as*. Em francês, a term. da 1 conj. pela ação da analogia igualou-se à segunda conjugação em *-eba*. A evolução se deu a partir da síncope de [b] donde *-ea-* que resultou em [ε]. A reforma ortográfica francesa de 1835 grafou <ai> donde, por exemplo, *chantais*.

Quanto à desinência de número-pessoa podem ser assim apresentadas. A de primeira pessoa *-m*, em geral, sofreu apócope nas línguas românicas, com exceção do romeno *cînt-a-m*. A segunda pessoa apresenta em port. a manutenção de *-s*, assim como nas demais línguas românicas, o italiano e romeno, entretanto, como característica da România Oriental [s] ou resulta em [i] ou desaparece, *cantav-i* e *cînta-i*, respectivamente. A terceira pessoa terminação *-t* sofreu apócope, nas românicas, o francês, mantém a grafia etimológica, apesar de não se pronunciar, confira em *chantait*. A quarta pessoa latina, terminação *-mus*, mantiveram-se preservadas em cast., port. e gal. respectivamente temos, *cantábamos, cantávamos* e *cantabamos*. Em italiano, o *-s* apocopou, veja-se *cantavamo*. O francês seguiu o paradigma da segunda declinação, veja-se em *chantions*. A quinta pessoa *-tis*, [t] sonorizou em português e depois sincopou veja-se *cantabatis* > *cantavades* > *cantais*, o gal. não sincopou *cantabades*. A síncope ocorre em cast. *cantabais*. Em it. e rom. mantém-se *cantavate* e *cîntati*, ocorrendo apenas a apócope de *-s*. Em francês, houve a ação da analogia com a segunda conjugação. A sexta pessoa do lat. *-nt* tem na România a articulação de *-n*, dental ou nasal, port. *cantavam*, gal. *cantabam*, cast., *cantaban*. Em it. desenvolveu-se um *-o* paragógico, *cantavano*. O romeno apocopou *cîntau*.

É interessante fazer menção à acentuação do latim, de tendência paroxítona. Assim, a acentuação das três primeiras pessoas recaía na vogal temática *-a*. Na quarta e quinta pessoas a acentuação caía sobre a sílaba do modo-tempo. Na sexta pessoa recaía sobre a vogal temática. O gal. e o italiano apresentam essa mesma acentuação. O gal. e o italiano mostraram-se conservadores, por apresentarem a mesma acentuação latina, comparem-se em it. {cant} *-áva, -ávi, -áva, -avámo, -aváte, ávano; e em gal. {cant}-aba, -abas, -aba, -abámos, -abádes, -abámos*. As línguas românicas, em geral, acentuaram a sílaba da vogal temática, devido à analogia. Compare-se em port. {cant} *-áva, -ávas, -áva, -ávamos, -áveis, -ávam*.

Como vimos, os exemplos apresentados nesse estudo sobre o sistema verbal românico demonstraram inovações como também conservações do modelo flexional do latim, clássico e vulgar, contrariamente ao que sucede com outras categorias gramaticais como, por exemplo, o nome românico.